

Como estamos tristes se estamos grávidos?¹

Reflexões a partir da Metapsicologia da Maternidade

How can we be sad if we are pregnant?

Reflections from the Metapsychology of Maternity

Rachele Ferrari*

Resumo: Para pensar os estados tristes referidos pelos casais grávidos, o conceito de Metapsicologia da Maternidade será articulado com a ideia de “algofobia”, de Byung-Chul Han, uma angústia generalizada diante da dor, da impossibilidade de se viver a dor e integrá-la e assim permitir transformações. Veremos que o afã de sustentarmos o permanente estado de conforto e ausência de conflitos nos leva à sociedade da sobrevivência e não a uma vida que valha a pena ser vivida, com sua intensidade, profundidade e complexidade, com alegrias e tristezas. É possível também estarmos tristes se estamos grávidos, e assim tomar parte de uma vida cheia de acontecimentos. Mas é necessário atravessar essas fases em boas companhias, vale lembrar.

Palavras-chave: Maternidade. Depressão pós-parto. Ambivalência. Algofobia.

Abstract: *To think about the sad states mentioned by pregnant couples, the concept of Metapsychology of Maternity will be articulated with the idea of “algophobia”, by Byung-Chul Han, a generalized anguish in the face of pain, the impossibility of experiencing pain and integrating it and thus allow transformations. We will see that the desire to maintain a permanent state of comfort and*

1. Esse texto foi originalmente apresentado no evento “*Como estamos tristes se estamos grávidos?*” promovido pelo Grupo de pesquisa Os Primórdios da Vida Psíquica, do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 2023. Novamente, agradeço a Regina Orth de Aragão pelo convite para participar daquela mesa.

* Psicóloga e Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Atua na clínica psicanalítica com crianças, adultos, gestantes, puérperas, pais e seus bebês – a clínica da parentalidade. Membro e pesquisadora do LIPSIC – Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (IPUSP/PUC-SP). Membro do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae.

absence of conflicts leads us to a society of survival and not to a life worth living, with its intensity, depth and complexity, with joys and sadness. It is also possible to be sad if we are pregnant, and thus take part in a life full of events. But it is necessary to go through these phases in good company, it is worth remembering.

Keywords: *Motherhood. Postpartum depression. Ambivalence. Algophobia.*

A proposta deste texto é contribuir com reflexões sobre um tema da maior urgência e relevância e que me é muito caro: os primórdios da vida psíquica e a necessária atenção à saúde também dos cuidadores dos recém-chegados ao mundo.

Ao longo da minha argumentação, apresento algumas das ideias que venho desenvolvendo desde o doutorado e que estão publicadas no meu livro *Maternidades, assombro e elaboração* (2023), que têm me sido bastante proveitosas na clínica com mulheres gestantes e puérperas e seus companheiros e companheiras, para pensar os afetos tristes deste momento e mesmo as depressões pós-parto.

O convite para este debate me deu oportunidade de organizar na forma de um texto algumas ideias novas que dialogam com o que propus chamar em meu livro *A metapsicologia da maternidade*.

Começo com uma epígrafe de Rainer Maria Rilke (2013), no livro *Cartas a um jovem poeta*

*Deixe que tudo aconteça a você. Beleza e Terror.
Apenas prossiga, nenhum sentimento é definitivo.*

Diante do título desta mesa me ocorreram duas associações:

1. A dúvida sobre a tristeza na experiência da gravidez nos leva a pensar que haveria um pressuposto de alegria absoluta quando o casal está gestando um bebê.

2. O adjetivo GRÁVIDOS, no masculino, faz ver como certa a inserção do companheiro, do pai do bebê, nessa vivência. O que é fundamental.

Quanto à minha primeira associação, vale colocarmos em questão a convicção – recorrente em nossa cultura – de que a alegria e felicidade são os únicos sentimentos possíveis na experiência da gravidez.

Tenho proposto pensarmos sobre o potencial traumático que é próprio da entrada na vivência da maternidade/paternidade, um assunto que precisa ser mais bem evidenciado, algo que é inerente à experiência de qualquer mulher ao se tornar mãe e também à do homem-pai.

Durante minha pesquisa entrevistei algumas mulheres gestantes ou puérperas. Todas foram fundamentais para o desenvolvimento da minha tese; po-

rém, a fala de uma delas me tocou especialmente, e me inspirou muito em minha argumentação, por isso compartilho aqui com vocês.²

Elena não tinha dúvidas sobre seu desejo de tornar-se mãe, isso era tão claro quanto seus projetos profissionais, que foram sendo realizados. Depois de dez anos de uma carreira bem consolidada, ela e o marido decidiram ter o primeiro filho e ela nem imaginava a transformação que essa novidade traria para sua vida. “*Eu não fazia ideia de que tudo iria mudar. Não imaginava que eu ia deixar alguém para trás, que era eu mesma*”.

A imagem que Elena evoca para descrever aquele momento é de despedida, de uma vivência de perda de si mesma ou de parte de si. Uma surpresa e um espanto diante de uma cena que não é possível imaginar antecipadamente. Ela sabia que haveria mudanças, mas o que não podia prever era a mudança radical em si mesma que a maternidade iria produzir. Em suas palavras: “*O parto vem de nascimento, mas é uma partida também. Vem alguém, eu pari alguém, mas eu também parti. No dia do nascimento de minha filha, o abismo já começou a se abrir para mim*”.

A metáfora do abismo comunica tanto a ideia de profundidade e infinito quanto o caráter inexplicável, misterioso e enigmático da experiência. Além disso, abismar é também se assombrar, se espantar, noções que nos ajudam a pensar o que Elena comunica sobre o ser mãe. O novo que assombra, assusta, mas também fascina e encanta.

O assombro é a experiência traumática, é aquilo que ultrapassa o que o sujeito é capaz de representar, que assusta, assim propõe Leopoldo Nosek (2017) em seu livro *A disposição para o assombro*, em que ele lembra que, diante do novo, tendemos sempre a recorrer às tradições, a usar fórmulas antigas para lidar com situações atuais, como é próprio da neurose. Para viver algo novo e aprender com isso, é preciso assombrar-se, é preciso se deixar afetar por essa nova situação, ser tomado pelo assombro, pelo espanto e confiar no que poderá advir, a partir daí.

A esse respeito, Nosek (2017, p. 49), inspirado por Adorno e Horkheimer, se diz de acordo com a ideia de que a verdadeira experiência é a de um sobrevivente que se submete ao choque de um perigo. Ou seja, é a experiência associada a um evento que força a pensar, que desloca o pensamento do hábito e do

2. A partir daqui este texto usa trechos do meu livro acima referido, para que eu possa apresentar a fundamentação teórica do que proponho chamar *A metapsicologia da maternidade*.

senso comum, que não se dobra aos nossos esquemas e categorias usuais de compreensão. Conclui essa ideia afirmando que o traumático não apenas é parte integrante da experiência cotidiana, como é motor do desenvolvimento e da construção da mente.³

Mas o assombro, o trauma, é potencialmente desorganizador e, sem mediação, há o risco da repetição, da insistência da dor. A mãe precisa do pai, da retaguarda da cultura e do grupo social para que ocorra a transformação do traumático em repertório da experiência, em algo estruturante da personalidade. É importante ressaltar que para abordar essa questão acompanhamos Roussillon (2019, p. 202) em sua compreensão acerca do que pode ser nomeado como trauma.

Ele enfatiza que as situações traumáticas decorrem de não serem atendidas as condições para que o trabalho psíquico de integração da experiência subjetiva aconteça. O trauma resulta então do caráter não integrável, para aquele sujeito e naquele momento de sua história, da experiência que ele está atravessando (FERRARI, 2023, p. 111).

Desse modo, proponho que há sempre um potencial traumático na vivência de vir a ser mãe, ou seja, na ausência de cuidados que atendam às necessidades do Eu⁴ há sim o risco de adoecimentos. Sabemos que as transformações vividas pelas mulheres que se tornam mães envolvem a desorganização psíquica, a perda da identidade anterior, a turbulência emocional. Trata-se verdadeiramente de uma reviravolta na vida. Algo semelhante será vivido pelo homem que se torna pai, mas é preciso observarmos as diferenças de cada uma dessas experiências.

Pai e mãe vivem turbulências, mas cada um é mobilizado de modo muito singular. O pai, em seu lugar de construção da parentalidade, está às voltas com as representações sociais de ser pai, com a paulatina adaptação ao filho (sem a experiência que já teve a mãe com a gravidez⁵) e com a reorganização

3. Nessa ideia, o próprio autor indica sua vinculação a Laplanche.

4. "O Eu, o Eu-sujeito, necessita que certo número de condições sejam atendidas para poder fazer seu trabalho de integração das experiências às quais ele é ou foi confrontado [...] somos levados a definir as necessidades do Eu como: "o conjunto das condições do trabalho de simbolização e da apropriação subjetiva, tanto primária quanto secundária" (ROUSSILLON, 2019, p. 200).

5. Considerando os casos em que a mãe gestou a criança.

do laço conjugal, agora formando uma família com filho(s). A mulher viverá situações semelhantes, mas com a especificidade de que a gravidez se dá no seu corpo, em seu psicossoma, mobilizando inúmeros conteúdos e afetos que a psicanálise tem tentado compreender.

Considero muito eloquente a afirmação de Regine Prat (2008) de que quando atendemos pessoas que acabaram de se tornar pais estamos lidando com a clínica pós-traumática. Ao se referir à mudança identitária referida pelas recém-mães ela afirma com precisão que é como passar por uma troca de pele. No imaginário de nossa cultura, a maternidade foi sendo narrada como idílica, cheia de encantamentos, sendo abominável falar de dores e sentimentos hostis. Esse impedimento em dar visibilidade aos diversos afetos presentes na experiência, suas delícias, mas também suas dores, leva a mulher ao desamparo e a um sofrimento ainda maior.

Assim, é fundamental olharmos

(...) com delicadeza para os estados psíquicos desse momento, tão conhecido pela humanidade e, ao mesmo tempo, estranho e perturbador. Entendemos como necessário dar voz e nome ao que vivem as mulheres nessa condição em que os contornos se mostram frágeis, as fronteiras entre dentro e fora, eu/não-eu são temporariamente borradas, o estranhamento diante da nova situação é muito prevalente e “tudo o que desempenhar um papel de ancoragem na realidade desempenhará um papel de salvaguarda de proteção contra a loucura (PRAT, 2019, *apud* FER-RARI, 2023, p. 109).

Ao refletirmos sobre os sentimentos vividos por mulheres e homens ao se tornarem mães e pais é preciso falar da ambivalência de sentimentos. Não devemos esquecer que o ódio e o amor caminham juntos, a ambivalência de sentimentos é própria do humano e não seria diferente nas relações mãe/pai e filhos.

Ao abordar o tema do que ele chama de ambivalência de base, Figueiredo (2021), argumenta que ninguém escapa da experiência da ambivalência e indica que

é bom que se criem as condições para reconhecer as misturas e tolerar as tensões e conflitos, ou seja, é bom que a experiência da ambivalência no sentido estrito venha a ser vivida, reconhecida e, principalmente, atravessada (FIGUEIREDO, 2021, p. 10)

O que está em jogo é um ajustamento a essa nova fase da vida que envolverá um nível de esforço consciente, é claro, mas principalmente será mobilizado muito trabalho psíquico inconsciente, um intenso trabalho de perlaboração das novas experiências emocionais, envolvido em “processos de simbolização e subjetivação” (FIGUEIREDO, 2018, p. 32), no enfrentamento e afrontamento dessa situação potencialmente traumática.

Durante toda minha pesquisa voltei-me para o ponto de vista da mãe. Ao estudar os textos sobre a relação mãe-bebê/criança que focavam no desenvolvimento do filho/a, eu me perguntava: “E a mãe? O que está sentindo, como vive esta experiência? Em que é mobilizada? Do que precisa?”

Nessa direção, Racamier (1961) é muito claro:

Na verdade, a vida deste casal “diádico” é muito mais descrita do ponto de vista da criança do que do ponto de vista da mãe que, no entanto, lhe é muito complementar. As necessidades do feto e do bebê são compreendidas e satisfeitas não apenas para o bem da criança, mas também para o equilíbrio afetivo da mãe (p. 162, tradução nossa).

As situações analíticas com mulheres-mães, as entrevistas que realizei, assim como o grupo de reflexão, foram me mostrando que é necessário estarmos atentos à especificidade desta clínica, tendo em mente a reviravolta identitária, a fragilidade narcísica que frequentemente se apresenta, o temor de ser responsável pela vida de um outro ser, as angústias e culpas que não cessam. Assim, é preciso que o analista tenha condições de dar sustentação ao sujeito que vive essa tormenta, apostando na capacidade de juntos colocarem em ação os trabalhos psíquicos que poderão oferecer mudanças de posição subjetiva, o que implica também conviver com as perdas, com as ambivalências e mesmo os temores, sem que eles ameacem demais.

Afastar-se da idealização faz a experiência ser menos ameaçadora, ainda que cheia de conflitos, favorece a criatividade no encontro dos estilos próprios de materno, sob medida para cada mulher e cada díade mãe-bebê, e propicia uma maior acuidade para captar as necessidades do bebê. Por esse caminho, foi se configurando um conjunto de reflexões e teorizações que nos levaram ao que nomeio como uma *metapsicologia da maternidade*. Uma série de conceitos e ideias da psicanálise foram me inspirando para criar um modelo de interpre-

tação acerca do psiquismo da mulher-mãe, no contexto em que o circunscrevi em minha pesquisa.

A metapsicologia da maternidade é um modelo especulativo, a partir da escuta psicanalítica, seja ela na clínica *stricto sensu*, seja em entrevistas e grupos de reflexão, para imaginar um funcionamento psíquico muito peculiar a partir da entrada do filho na vida e no psiquismo da mãe⁶, com seu desamparo, com o infantil da criança mobilizando o infantil da mãe, a regressão, o amor e o ódio.

É o que parece afirmar Cramer e Espasa (1993, p. 374), citados por Prat (2008, p. 127), ao enfatizarem que a parentalidade

impõe aos pais uma tarefa considerável de redistribuição de seus investimentos (narcísicos e libidinais) (...). O funcionamento psíquico dos pais – sobretudo da mãe – obedece, portanto, a uma nova tópica, que inclui a representação mental da criança como uma adjunção ao território psíquico parental (...). As vicissitudes normais e patológicas das relações precoces são o resultado da natureza deste efeito do encontro entre o novo do bebê e o infantil dos pais, entre o estranho do bebê e a familiaridade das antigas imagos.

Tendo isso em vista, não seria tão estranho assim estarmos tristes estando grávidos. Mas vale pensar, para além do campo da perinatalidade, como temos lidado com os estados tristes, com as dores do viver, de modo mais amplo. Parece haver, nos nossos tempos, uma grande indisposição para acolher e conter esses afetos, admiti-los e assim poder narrá-los – o que, sabemos, oferece a chance de transformá-los. Em contrapartida, o que predomina é a negação da dor e a exaltação da alegria e do entusiasmo.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2021), em seu livro *A sociedade paliativa*, aponta que nossa tolerância à dor diminuiu rapidamente; ele indica o que chama de “algofobia”, uma angústia generalizada diante da dor, o que leva a uma anestesia permanente. Sua argumentação é que vivemos numa sociedade da positividade, em que o que prevalece é o bem-estar, a felicidade e o otimismo.

O que está em questão é que esse modelo de existência precisa abolir os conflitos e contradições, que poderiam provocar dor; fica em evidência a so-

6. Também será necessário teorizar sobre o processo que se dá no psiquismo do pai, mas não foi o tema de minha pesquisa.

cidade do “curtir”, que apenas prolonga o igual (p. 11) e recusa a alteridade, com toda a riqueza e potência que ela pode oferecer. Han nomeia isso de “o inferno do igual”.

O autor esclarece que na sociedade pós-industrial há uma recusa diante da dor, “seja feliz” é a nova fórmula da dominação. “Seja livre’ produz uma coação que é mais dominante do que ‘seja obediente’” (HAN, 2021, p. 16). A medicalização e a farmacologização exclusiva da dor impedem que ela possa ser narrada, simbolizada e assim oferecer possibilidade de integração ou, se acompanharmos os termos de Roussillon, de apropriação subjetiva, levando à possibilidade de transformações. O imperativo da felicidade, impossível, sabemos, leva à dessolidarização da sociedade, pois o fermento da revolução é a dor sentida em comum. Assim, em vez de questionamentos, confrontos e mudanças, advém a DEPRESSÃO, que no caso dos recém-pais em geral é silenciada.

O afã de sustentarmos o permanente estado de conforto e ausência de conflitos nos leva à sociedade da sobrevivência e não a uma vida que valha a pena ser vivida, com sua intensidade, profundidade e complexidade. Estamos perdendo a capacidade de narrar nossa vida, de sofrer a dor e nos transformarmos e nos curarmos a partir disso.

Walter Benjamin (*apud* HAN, 2021, p. 29) pontua que “a narrativa que o doente confia ao médico no início do seu tratamento introduz o processo de cura”. O pavor de viver as experiências em sua profundidade e complexidade, portanto, de termos capacidade para viver a dor e narrá-la, leva-nos a sofrer cada vez mais com cada vez menos. Somos surpreendidos pelas dores da vida sem repertório para pensá-las e superá-las.

O risco desse modo de existência que teme o contato com a dor, é que “o ser humano delira estar em segurança, enquanto é só uma questão de tempo até que ele seja arrastado [...] para o abismo” (HAN, 2021, p. 33). Constatamos que estamos mais vulneráveis do que nunca. Podemos traçar um paralelo com a questão da nossa imunidade, que só é adquirida, além da boa alimentação, atividade física, exposição segura ao sol, etc., no contato com o mundo externo e seus micro-organismos etc. Se criarmos uma criança numa bolha, teremos um organismo totalmente desprotegido para enfrentar os vírus, bactérias e as doenças que nos circundam. Byung-Chul Han (2021, p. 34) se intriga: “Justo na sociedade paliativa hostil à dor, multiplicam-se as dores silenciosas, apinhadas nas margens, que persistem em sua ausência de sentido, fala e imagem”. Assim, observamos uma situação paradoxal: ao negarmos e fugirmos das ex-

periências de dor, elas aparecem de modo ainda mais incapacitante, como nas dores crônicas, nas depressões e no *burnout*.

É preciso ter em conta que o que marca os limites, a diferença, a realidade externa produz dor; isso já nos ensinara Freud quando postulou sobre a gênese do amor e do ódio no ensaio *Pulsões e seus destinos* (1915) e também Ferenczi nos artigos *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913) e *O problema da afirmação do desprazer* (1926). E Han (2021, p. 37) alerta em seu livro que tudo o que é verdadeiro é doloroso. “A sociedade paliativa é uma sociedade sem verdade, um inferno do igual”. A dor, diz ele, é uma parteira do novo.

A literatura, a música, as artes plásticas e o teatro estão repletos de obras maravilhosas, algumas verdadeiras obras-primas que resultaram de um contato íntimo do artista com sua dor. Clarice Lispector evidenciou isso inúmeras vezes, Kafka dizia que devia sua escrita ao terror de sua vida. Han dirá que a dor aviva a fantasia, e constata que “a dor leva o espírito a erguer um contramundo diante do mundo existente, com o qual se pode viver.”

Uma existência pautada exclusivamente na sobrevivência confortável e amortecida retira da vida o trágico, que afirma a vida apesar da dor e do sofrimento mais extremos. O filósofo se propõe a pensar mais na estética da dor do que no temor a ela e aponta para o risco de tornar a dor um assunto exclusivo da técnica médica.

Ao trazer o tema do trágico para sua argumentação, Han apoia-se evidentemente em Nietzsche, que “via na tragédia uma forma de vida marcada pela autenticidade e pela recusa de uma postura ingenuamente otimista, artificiosa, satisfeita e conformada com um ideal de felicidade individual e social, reduzida a conforto, segurança e ausência de sofrimento (GIACOIA, 2010).

A ideia de autenticidade ou de verdade nos parece muito oportuna porque é o que buscamos nos processos de análises que conduzimos. Verdades soterradas ou veladas por defesas que se fizeram necessárias por razões diversas, seja intrapsíquicas, intersubjetivas ou mesmo socioculturais. O pensamento trágico, assim como a psicanálise, se interessa por afirmar a totalidade da existência, em todos os seus aspectos, incluindo o que nela existe de sombrio e luminoso, de alegre e doloroso, criação e destruição, vida e morte. Thomas Ogden (2013, p. 32) ao escrever sobre “A arte da psicanálise” irá demonstrar em que sentido a sobrevivência do indivíduo é bem diferente da experiência de estar vivo, citando uma bela passagem do Fausto (Goethe):

e quero que meu ser mais profundo compartilhe o destino de toda a humanidade, que eu entenda seus altos e baixos, preencha meu coração com todas as suas alegrias e tristezas, e amplie meu ser com o deles e, com eles, sofra naufrágios também (OGDEN, 2013, p. 46).

Para o autor, a tarefa da psicanálise é tentar ampliar a capacidade de tomar parte em uma experiência cheia de acontecimentos, para experimentar uma ampla gama de alegrias e de tristezas, os altos e baixos da emoção humana (OGDEN, 2013, p. 32). Além dos familiares, amigos, profissionais que acompanham a gravidez, o parto e o puerpério, o trabalho psicanalítico desenvolvido pela clínica da perinatalidade e parentalidade oferece a possibilidade de cuidado com as mães, os pais e o vínculo pais-filhos, de contribuir com os pais para expandir sua capacidade de pensar as experiências vividas com os filhos, seus impasses, suas intensidades de toda ordem e, mais ainda, sustentar o narcisismo dos pais para que eles possam ir ao encontro do filho sem a sobrecarga de se sentirem fracassando.

A esse respeito, Victor Guerra é preciso:

Nossa tarefa segue sendo a de constituir um “porto” nesta viagem da parentalidade, podendo espelhar, sustentar e marcar diferenças no vínculo com o bebê. Seguirá sendo a de “cuidar” dos pais, para que cuidem de seu bebê. (GUERRA, 2015, p. 93).

Acredito que todas essas ideias podem ampliar nossa reflexão acerca do que referem mulheres e homens grávidos ou vivendo o puerpério diante do estranhamento por não se sentirem continuamente felizes. Há que serem observadas as situações de modo singular, evidentemente, as diversas condições psíquicas, socioeconômicas, ambientais, culturais, de saúde orgânica, mas vale termos em conta o que a metapsicologia da maternidade, como nomeio em meu livro, já pode nos instruir sobre o funcionamento psíquico próprio dessa experiência de vida, além das relevantes reflexões acerca do que tem caracterizado nossos tempos, que os sociólogos e filósofos têm nos apresentado. É possível também estarmos tristes se estamos grávidos, e assim tomar parte de uma vida cheia de acontecimentos. Mas é necessário atravessar essas fases em boas companhias, vale lembrar.

Rachele Ferrari

racheleferrari@gmail.com

Referências

CRAMER, B.; ESPASA, F. P. *Técnicas psicoterápicas mãe-bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FERENCZI, S. (1926). *O problema da afirmação do desprazer*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras completas Psicanálise III).

_____. (1913). *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras completas Psicanálise II).

FERRARI, R. *Maternidades, assombro e elaboração: uma perspectiva psicanalítica*. Porto Alegre: Ed. Artes & Ecos, 2023.

FIGUEIREDO, L. C. Preliminares à considerações das matrizes. In: FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JR., N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2018.

_____. A ambivalência de base e seus destinos em Freud e Melanie Klein. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 23(2), p. 46-59, 2021.

FREUD, S. (1915). Pulsões e os destinos da pulsão. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 1).

GIACOIA, O. *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*. Edição 330, 24 de maio de 2010. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3238->>. Acesso em: 07 jun. 2024.

GUERRA, V. Dos bebês, quem cuidará? In: LACERDA, E. T. et al. *Revista Percurso*, n. 55, ano XXVIII, p. 86-93, dezembro de 2015. Disponível em: <<https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/290/307>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

HAN, B.C. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

NOSEK, L. *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

OGDEN, T. *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Ed. Escuta, 2013.

PRAT, R. Entre demais e muito pouco: a quadratura do círculo da parentalidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 4, dez/2008.

RACAMIER, P.; SENS, C.; CARRETIER, L. La mère et l'enfant dans les psychoses du post-partum. Dans: Hélène Parat éd., *Maternités*. Paris cedex 14: Presses Universitaires de France, 1961. p. 157-173. Disponível em: <<https://www.cairn.info/maternites-2019--9782130786986-page-157.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. São Paulo: Globo, 2013.

ROUSSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2019.